

SENTIDOS DE TERRITORIALIDADE EM “NHOLA DOS ANJOS E A CHEIA DO CORUMBÁ” E “VIDAS SECAS”: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA E LITERATURA

SENSES OF TERRITORIALITY IN " NHOLA DOS ANJOS E A CHEIA DO CORUMBÁ " AND " VIDAS SECAS ": A PROPOSAL FOR LANGUAGE TEACHING AND LITERATURE

Kamila Kátia da Silva Monteiro¹

Tatiane Barreto²

Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima³

Resumo: O presente artigo tem, inicialmente, a finalidade maior de promover um diálogo interdisciplinar entre o estudo da literatura brasileira e a linguística. Neste sentido, o objetivo se estende a realizar um estudo semântico em duas obras literárias, a saber: o conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* (de Bernardo Élis (1987)) e o romance *Vidas Secas* (de Graciliano Ramos (1998)), especificamente, o capítulo primeiro intitulado *Mudança*. Em nosso estudo, buscamos analisar trechos que produzem sentidos de uma dada territorialidade, forjando significados a partir de escolhas linguísticas que identificam a cheia, a seca, a vegetação, o rio, a lama, os modos de seus personagens, sua linguagem, suas variações, o nublado, o sol causticante etc. Sabemos que tais observações não se resumem a uma análise semântica, ao léxico que está na base dessas produções. Discutir o território, seus efeitos de sentidos remete, também, a teorias que pensam o sujeito, sua localização social e espacial, sua identidade. Neste sentido, mesmo que concisamente, lançamos algumas considerações teóricas da Análise do Discurso, por entendermos que o discurso literário produz e escreve a história e seus efeitos de verdade.

Palavras-chave: Literatura. Semântica. Territorialidade. Efeitos de Sentido.

Abstract: This article has initially the largest order to promote an interdisciplinary dialogue between the study of Brazilian literature and linguistics. In this sense, the objective extends to perform a semantic study in two literary works, namely the tale of *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* (de Bernardo Élis (1987)) and the novel *Vidas Secas* (Graciliano Ramos (1998)), specifically, the first chapter titled *Mudança*. In our study, we analyze passages that produce meanings of a given territoriality, forging meanings from language choices that identify the full, drought, vegetation, river mud, the ways of their characters, their language, their variations the cloudy, the sun scorching etc. We know that such observations do not boil down to a semantic analysis, the lexicon which is the basis of these productions. Discuss the territory, its effects of meaning refers also to theories that think the subject, social and spatial location, its identity. In this sense, even if concisely, we launched some theoretical considerations of discourse analysis, because we believe that literary discourse produces and writes the story and its real effects.

Keywords: Literature. Semantics. Territoriality. Sense Effects

¹Graduada em Letras –Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás / Câmpus Inhumas.

²Graduada em Letras –Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás / Câmpus Inhumas.

³Pós-Doutora pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2013). Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista - UNESP (2011). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás - UFG (2005).

INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em uma análise comparativa entre duas obras literárias, intercalando um diálogo entre a Linguística e o ensino de Literatura. Entendemos, com isso, que também tentamos realizar um diálogo interdisciplinar entre a literatura brasileira e a análise linguística. Para este fim, nosso trabalho tem como fundamento teórico a teoria da Semântica lexical, incluindo outras propostas teóricas acerca desta teoria e dos significados que tentamos alcançar nos textos literários estudados. As obras a serem analisadas são *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* de Bernardo Élis (1987) e o primeiro capítulo do romance *Vidas Secas*, intitulado *Mudança*, de Graciliano Ramos (1999). Na análise estão presentes aspectos que aproximam e distanciam as obras quanto ao sentido, levando em conta que esta retrata, geograficamente, Goiás enquanto aquela se refere ao sertão nordestino. Os objetivos deste estudo se fundamentam em conhecer melhor as escolhas linguísticas dos autores das narrativas que traduzem os sentidos que fazem referência à cheia e à seca; bem como as identidades territoriais que amparam esses sentidos em seus temas.

Para fundamentarmos nossa discussão acerca da teoria semântica, Pietroforte e Lopes (2010), Ilari e Geraldi (1999) serviram de base para a explanação de diferentes conceitos e reflexões que norteiam o presente estudo e estão na base de nossas análises. Optamos por discutir brevemente a noção de territorialidade por entendermos que tal noção aclara o espaço também problematizado nas obras literárias supracitadas.

Sentidos de territorialidade

Consideramos inicialmente que a literatura é uma grande fonte de informação que, em bases fictícias, escreve a história e dá sentidos à sociedade aos sujeitos que lhe dão voz. Nessas condições, entram em cena as identidades sociais e territoriais dos cenários que simbolizam o espaço geográfico em uma obra. Todas essas considerações são basilares à perspectiva teórica dos estudos do Discurso. Pensar o ensino de Literatura por esse prisma é possibilitar ao aluno que participe, a partir da leitura e da escrita literária, da prática social que mobiliza os sujeitos, seus costumes, suas falas, suas identidades, seu lugar no mundo e, capciosamente, seus estereótipos (LIMA, 2011).

É do território que emergem as falas mobilizadas pela aridez ou pela enchente, veiculadas por personagens-produtos de uma seca ou de uma cheia. As falas fluem como a água ou se tornam insípidas, rudes, causticantes como um solo seco e improdutivo. O território identifica, norteia, classifica e, nessa e por essa ordem, é também discurso, é produto de discursividade, porque enuncia em uma dada regularidade seus sentidos e seus sujeitos (LIMA, 2011).

Michel Foucault (2002, p. 43), em *A Arqueologia do saber* entende o discurso como sendo um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. As obras analisadas fazem menção ao lugar geográfico, em *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* às mediações de um rio goiano que é o rio Corumbá, e em *Vidas Seca* ao sertão nordestino. Nesse sentido, a territorialidade é parte elementar dos discursos sobre

a geografia dos lugares discursivizados e estes dão suporte aos sentidos que traduzem uma identidade e, em seu esteio, um estereótipo.

Derek Gregory e David Smith (1996, p. 620 apud LIMA, 2011⁴) definem territorialidade como uma organização espacial de pessoas e grupos sociais através da demarcação de fronteiras. A territorialidade humana é vista como a estratégia segundo a qual indivíduos e grupos exercem controle sobre uma dada porção do espaço. Em *Vidas Secas*, o sertão nordestino emerge no discurso como uma noção reatualizada e regularizada pelas práticas do êxodo rural, de uma mudança de retirantes para a cidade grande, o sertão distingue-se de outros lugares e tem sua aparição singularizada pelo discurso literário, na voz das personagens, no pensamento e nas quimeras de cada um.

Em uma concepção filosófica, Foucault (2010, p. 180 apud LIMA, 2011) define território como sendo sem dúvida, uma noção geográfica, mas é em primeiro lugar uma noção jurídico-política: o que é controlado por um certo tipo de poder. Lima (2011) assinala que os discursos sobre determinados lugares apresentam estigmas que se estendem aos sentidos e se inscrevem no desfecho de sua narrativa. Segundo a autora, os sentidos “são produtos de diferentes práticas que forjam, significam e traduzem uma ideia, uma designação, uma identidade e uma gama de estereótipos” que manifestam a territorialidade, os sujeitos que nela circulam e que a vivenciam.

Duas construções e semânticas plurais

Para fundamentar nosso estudo, discutimos a teoria Semântica e alguns de seus conceitos que problematizam a noção de significado, seu objeto de investigação. Em sequência, apresentamos um breve resumo das duas narrativas analisadas para, assim, iniciarmos a análise comparativa das obras no que diz respeito à aproximação e aos distanciamentos entre ambas.

Para Oliveira (2001, p. 18), há várias formas de se descrever o significado, há várias semânticas. A autora assinala que cada uma elege a sua noção particular de significado. Assim, discorre sobre as definições atribuídas pela Semântica Formal, Semântica da Enunciação e Semântica Cognitiva ao significado.

Para a **Semântica Formal**, o significado é um termo complexo que se compõe de duas partes, o sentido e a referência. O sentido de um nome é o modo de apresentação do objeto/referência. O modelo lógico da Semântica Formal defende que a relação entre linguagem e mundo é fundamental. A **Semântica da Enunciação** concebe o significado em suas diversas possibilidades de encadeamentos argumentativos das quais a palavra pode participar. Neste sentido, o significado é o resultado do jogo argumentativo criado na linguagem e por ela. A **Semântica Cognitiva** atesta que o conceito é adquirido por meio de nossas manipulações sensório-motoras com o mundo. Assim, descreve a sentença a partir da hipótese de que na sua interpretação formamos espaços mentais (OLIVEIRA, 2001, p. 18-19).

Com isso, entendemos por que definir o significado não é uma tarefa fácil. Há uma complexidade que afeta o conteúdo de cada palavra, de cada sentença, de cada texto ou discurso que não depende unicamente do seu usuário, autor ou leitor. Os

⁴ Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103498/lima_ffpa_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 09 ago. 2016.

sentidos estão permeados pelas condições, também, históricas em que são produzidos. *Nhola dos Anjos* e *Vidas Secas* são produtos de uma construção complexa e permeada de sentidos heterogêneos entre linguagem e mundo. Por isso, podemos dizer que a semântica é uma ciência que trata e analisa os diferentes pontos do sentido.

Segundo Ilari e Geraldi (1999, p. 6),

[...] a semântica é um domínio de investigação de limites moveidões; semanticistas de diferentes escolas utilizam conceitos e jargões sem medida comum, explorando em suas análises fenômenos cujas relações não são sempre claras: em oposição à imagem integrada que a palavra ciência evoca, a semântica aparece, em suma, não como um corpo de doutrina, mas como o terreno em que se debatem problemas cujas conexões não são sempre óbvias.

Embasadas nessas afirmações, sabemos que não é fácil lidar com o significado, não há uma transparência do significado, mas um feixe de relações que o engendra. Há várias formas de se estabelecer o significado. Nas duas narrativas, há fatores que conduzem nosso entendimento, tais como: a descrição das regiões e a confirmação da situação por meio de diferentes signos. Há uma heterogeneidade no que concerne aos sentidos em suas regularidades. Pietroforte e Lopes (2010, p. 115) assinalam que

[...] se o sentido do que dizemos é fundamentado no próprio ser e se o verdadeiro ser só pode ser visto como *uno* – tendo em vista que, se fosse múltiplo, estaria colocada a questão de saber qual deles seria o real –, então, o problema da interpretação pode ficar relegado a segundo plano ou até mesmo negligenciado.

Assim, a interpretação é mobilizada pelas escolhas do leitor, por sua posição socioideológica em relação aos sentidos que lhe são dados, se há uma informação, o sentido está dado.

As palavras constituem os textos e os seus sentidos, permitindo ao leitor formas de interpretação que não devem sair de sua perspectiva. Pietroforte e Lopes (2010, p. 115) acrescentam que há a semântica do referente e a semântica componencial. A semântica do referente trabalha, no fundo, com essências, tentando alcançar a essência do sentido, não se privando à palavra, e a semântica componencial trabalha com os semas presentes em cada lexema. Os autores reforçam que a interpretação não depende de algo físico (do mundo), mas sim da linguagem humana, pela qual o sentido é construído e transmitido.

[...] A tradição retórico-interpretativa, por seu turno, prefere transferir o eixo da produção do sentido para o que se passa, não entre linguagem humana e mundo, mas sim “de homens para homens”, ou seja, prefere enxergar a produção do sentido como fenômeno humano, de uma ponta a outra. (PIETROFORTE; LOPES, loc. cit.).

Isso nos dá a entender que o sentido emerge das relações interpessoais que os sujeitos em sociedade estabelecem entre si, é produto de interação entre os sujeitos e os seus pares em suas práticas sociais. Dessa forma, o sentido é construído, desde o momento de criação de um texto, intercalando continuamente um diálogo com a posição discursiva do seu autor e do suposto leitor que o lerá.

Do que acabamos de dizer decorre que a linguagem, longe de precisar atrelar-se a algum referente-coisa do mundo, cria por si própria um mundo para o homem que é o mundo do sentido. Nesse mundo, estamos às voltas não com um ‘real’ único e ontológico, mas com um número variável de *realizados* (grandezas de linguagem historicamente atestadas em discurso) e de realizáveis (grandezas calculáveis, mas não necessariamente presentes em discurso) [...]. (PIETROFORTE; LOPES, idem, p. 121).

Com essa concepção, os autores se afastam de uma postura logiscista para pensar o sentido, não há uma relação natural entre sentido e referente, mas uma relação de convenção social, cultural, histórica e ideológica que traduz não o sentido em sua natureza, mas um efeito forjado por essa relação. Isto posto, podemos dizer que os efeitos de sentidos se tornam uma possibilidade para o homem pensar o seu mundo, o seu lugar no mundo. Assim, os diferentes modos de interpretação são definidos por pontos variáveis e movediços de sentido.

Por outro lado, sobre os estudos da semântica da lógica, a semântica formal, Ilari e Geraldi (op. cit., p. 14-15) consideram que

[...] em Frege, os desrespeitos à estrutura gramatical são mais frequentes e mais radicais; na realidade, mostram que para esse autor as orações têm uma estrutura semântica própria, em grande parte autônoma com respeito à estrutura gramatical. Toda a reflexão de Frege diz respeito à estrutura gramatical. Toda a reflexão de Frege diz respeito a essa estrutura semântica, não às estruturas gramaticais tradicionais.

Dito isto, Frege não leva em conta as orações puramente gramaticais, mas as construções semânticas que existem subliminarmente. Duas orações em comparação podem se assemelhar em aspectos gramaticais, no entanto, no ponto de vista semântico, cada uma tem pontos de sentido peculiares, o que as torna diferentes. “Assim, os *processos* sendo diferenciados, exigem a adaptação dos papéis que os participantes podem exercer. Há no mínimo mais dois outros tipos de processos que experienciamos: os processos mentais e os processos relacionais” (ILARI; GERALDI, 1999, p. 24).

A nossa interpretação é resultado de processos mentais que desenvolvem as construções semânticas postas em questão. De acordo com Ilari e Geraldi (loc. cit.), “há no mínimo mais dois outros tipos de processos relacionais. As orações de *processos mentais* expressam o que se poderia chamar uma experiência pela qual um fenômeno invade a consciência do *processador*”. Portanto, enquanto estamos lendo algo, por exemplo, há muitos aspectos velados no texto. Nessa condição, tornamo-nos processadores da informação recebida, o sentido final de determinado assunto é estabelecido por esses esquemas mentais.

Na gramática, a construção de sentidos depende de uma análise mais aprofundada, quando se diz respeito à relação sujeito-predicado, por exemplo, esmiúçam-se as diferentes possibilidades a fim de se verificar o verdadeiro sentido. Como bem esclarecem Ilari e Geraldi (ibidem, p. 28),

[...] a mais importante lição a tirar da análise da relação sujeito-predicado é que, para compreender o sentido de relações gramaticais dotadas de alguma complexidade, temos obrigatoriamente que ir além

dos dados, supondo (ou explicitando) esquemas abstratos subjacentes aos mesmos.

Com isso, podemos inferir que o sentido está naquilo que se encontra implícito. É a busca pela verdade por meio dos discursos em determinado texto; “a pesquisa do sentido como busca das condições de verdade das orações é uma das linhas mestras de toda semântica fregeana” (ILARI; GERALDI, 1999, p. 21). Podemos, assim, dizer que o sentido não é dado, mas construído a partir dos processos mentais responsáveis pela nossa interpretação, sem que haja, portanto, uma verdade absoluta. Ainda sobre as questões lógicas que permeiam os sentidos da linguagem, os autores observam que

[...] é preciso lembrar que os autores de Port-Royal formulam com absoluta clareza a distinção entre extensão e compreensão de uma ideia – extensão são todos os objetos a que uma ideia encerra e que não podem ser-lhe retiradas sem destruí-la. Assim, a ideia de vertebrado é inerente ao sentido da palavra *tigre* (compreensão) e todos os tigres se incluem na classe dos vertebrados (extensão). (ILARI; GERALDI, 1999, p. 12).

São efeitos de sentido em relação aos correspondentes, quando dizem *invertebrado*, nossa mente trabalhará e nos dará a imagem de uma minhoca, por exemplo. A extensão seria tudo aquilo que se pode relacionar à ideia, já a compreensão se refere ao pensamento imediato à determinada palavra.

Assim, compreendemos que há diferentes conceitos de semântica devido à multiplicidade de casos, é uma ciência considerada movediça pelo fato de estudar e analisar efeitos de sentido e como eles se dão. Como temos visto, esses efeitos podem ser estabelecidos de diferentes maneiras e recebidos por diversas outras formas por cada processador.

Após as considerações teóricas supracitadas, seguimos com um breve resumo de cada texto para, subsequentemente, fazermos uma análise de excertos que realçam seus sentidos. Obviamente, pela proposta restrita deste trabalho, é uma análise concisa, não problematizamos a teoria literária, não citamos posições sobre a estrutura do conto ou do romance, apenas refletimos sobre os significados que deram vida à Nhola dos Anjos e sua família e à Sinhá Vitória e sua família.

Entre a seca nordestina e a cheia goiana

Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá de Bernardo Élis (1987) conta a história de uma família que tenta fugir da cheia. Quelemente, assim como o pai em vida, sempre promete à família que eles irão se mudar, mas a velha Nhola vinha escutando aquela promessa há 40 anos. Quelemente se casou ali, teve um filho e perdeu a esposa para a doença maleita naquele mesmo lugar e mesmo assim ali permanecia. Certa noite foram dormir, o que despertou Quelemente não foi o frio das roupas molhadas que usava ao ir dormir, mas sim a água que invadira a casa e subia ao umbigo do mesmo. Assim, o rancho começou a desmoronar e tudo que se ouvia era o ronco da chuva, o choro do garoto, o desespero de Nhola e o uivo do cachorro Chulinho. A única solução foi uma porta de buriti que lhes serviu de jangada. Do cachorro só se ouviu o uivo, enquanto o menino, a velha Nhola e Quelemente subiram na “jangada”. Quando já podiam avistar as copas das árvores, a correnteza jogou a jangada para longe, fazendo-a colidir com um tronco de árvore que ali boiava, Nhola cai. Quelemente nota, então, que a jangada já não suportava três pessoas, e sempre que a velha Nhola tentava subir, a jangada perdia a

estabilidade. Como a jangada já estava abaixo das águas, o menino que era perrengue não suportou e morreu. Quelemente, então, deu dois coices definitivos na velha, isso fez com que ela perdesse a jangada e ficasse no meio do rio, foi aí que percebeu a profundidade do rio, ali estava raso e, se sua mãe tivesse pernas firmes, se salvaria. Quelemente se desespera e sai à procura da mãe, a água inunda-lhe a boca e sua vida tem fim.

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos (1999), no primeiro capítulo, intitulado *Mudança*, retrata a história de uma família que foge da seca, caminha em busca de um lugar melhor para viver, onde tenha água, comida e sombra. Sinhá Vitória, o filho mais novo, o menino mais velho, a cachorra Baleia e Fabiano estavam de mudança sem saber para onde iriam. No caminho, juazeiros, ossadas e urubus lhes fazem companhia. O menino mais velho já não aguentava mais e se pôs a chorar, então, se sentou no chão. Fabiano observando aquela seca e os urubus, enraiveceu-se e após repreender o garoto pensou em deixá-lo ali mesmo, pois era um estorvo. Até que Sinhá Vitória apontou uma nova direção, Fabiano então, pega o menino e o leva no colo. Pouco antes, havia um outro personagem junto a eles, um papagaio. Como não havia nada para comer naquela seca, quando o animal morreu na areia do rio, serviu-lhes de comida.

Voltaram a avistar os juazeiros e encontraram um canto de cerca, onde acreditavam ter comida, estavam no pátio de uma fazenda sem vida. Fabiano pensou em acomodar a família ali. Enquanto o dono preparava uma fogueira, Baleia sentiu o cheiro de preás e correu em busca deles. O preá serviu-lhes de comida. Olhando para o céu, Fabiano contou as estrelas e pensou que poderia chover. Foi aí que começou a alimentar esperanças: ficaria ali, seria o vaqueiro daquela fazenda e a ressuscitaria e sua família se tornaria gente gorda, vistosa e feliz.

Ao observarmos essas duas obras, notamos que há aspectos que as aproximam e há também aqueles que as colocam em pontos diferentes. Como aproximações, podemos citar, por exemplo, a forma como cada autor utiliza termos que confirmam a situação daquele contexto: em *Vidas Secas*, a seca, e em *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, a enchente, consoante podemos observar nos excertos a seguir:

Excerto 1:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas com haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

O autor nos dar a conhecer uma cena de extrema seca, devido à rica descrição de um cenário árido. A linguagem é singularizada pelo tema da seca. As escolhas lexicais têm a função de enfatizar a ideia de aridez daquela região, há uma planície avermelhada que lembra a terra seca, bem como o crepúsculo, um limiar entre o início e o fim da linha dos retirantes. Os juazeiros, espécie de planta nativa característica de regiões de solo árido, dá a sua sombra, minguada, mas ali está ele demarcando o solo nordestino; o adjetivo infelizes remete aos personagens e à sua situação naquele contexto; rio seco, procura de sombra remetem a um clima quente, que assegura somente a vida da caatinga.

Excerto 2:

*O menino saiu do rancho com um **baixeiro na cabeça**, e no terreiro, **debaixo da chuva miúda e continuada**, enfiou o calcanhar na **lama**, rodou sobre ele o pé, riscando com o dedão uma circunferência **no chão mole** – outra e mais outra. 3 círculos entrelaçados, cujos centros formavam um triângulo equilátero.” e “Isto era simpatia para **fazer estiar**. (Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá).*

Da mesma forma que Graciliano Ramos retrata o espaço por meio das características da seca no início da obra, Bernardo Élis também o fez. O trecho acima se encontra na primeira página do conto. *Baixeiro na cabeça* supõe que lá fora está chovendo, por isso o menino pega uma roupa velha ou suja e põe na cabeça; *debaixo da chuva miúda e continuada* nos informa a situação do clima, uma chuva constante; *lama* e *chão mole* só reforçam a ideia de que tem chovido há dias. E no último trecho temos a confirmação da cheia, uma simpatia para fazer estiar. Na região goiana, essa simpatia é muito conhecida: quando a chuva dura por muitos dias, as pessoas faziam ‘olhos de sol’ a fim de chamar o sol e acabar com a chuva.

Um outro ponto pode ser observado nas personagens das narrativas. Como as características dos ditos pais de família, representados por Fabiano e Quelemente respectivamente. Aos dois cabem as decisões em relação à família, Fabiano decide onde ficar, o que fazer com o filho insistente e até mesmo o que comer. Já Quelemente teve que tomar decisões difíceis, começando por deixar o rancho por meio de uma porta; deixar o cachorro para trás e, ao final, se desfazer de sua mãe. Há uma tragédia que os persegue, entre a fuga da seca ou da cheia alguém deve sucumbir, não há resistência para todos.

Excerto 3:

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. (Vidas Secas).

Excerto 4:

Nisso Quelemente notou que a jangada já não suportava 3 pessoas. [...] A velha não podia subir, sob pena de irem todos para o fundo. Ali já não cabia ninguém. Era o rio que reclamava uma vítima. (Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá).

É possível fazer uma comparação, também, em relação às mulheres das narrativas: Sinhá Vitória e Nhola. Ambas se apresentam submissas aos homens e cuidadoras das crianças. Quanto à característica física, assemelham-se ainda mais, pois Nhola estava velha e não tinha sequer força nas pernas; já Sinhá Vitória passa-nos uma imagem de fraqueza devido à fome. Há um resgate de um lugar de mulher que se cala, que não se pronuncia ou de que promete algo a si mesma, mas não o faz. Limitações e silêncios, nada mais dizem quando tentam fugir das agruras da natureza ou, quem sabe, fugir de si mesmas. Elas, as mulheres em ambas as narrativas, são inscritas em uma história de sociedade que parece lhes pertencer, pois circunscreve suas falas e lhes dá submissão.

Excerto 5;

Sinhá Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de Sinhá Vitória remoçaria, as nádegas bambas de Sinhá Vitória engrossaria, a roupa encarnada de Sinhá Vitória provocaria a inveja das outras caboclas. (Vidas Secas).

Excerto 6:

A velha voltou para dentro arrastando-se pelo chão, feito um cachorro, cadela, aliás: era entrevada. Havia vinte anos apanhara um “ar de estupor” e desde então nunca mais se valera das pernas, que murcharam e se estorceram. (Nhola dos Anjos e a cheia de Corumbá).

Quanto às crianças, o principal fator em comum é que, em ambas as obras, os nomes das crianças não são identificados, mas os dos cachorros sim. As crianças são designadas como *menino mais velho* e *filho mais novo* em *Vidas Secas* e como *menino* em *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*.

Excerto 7:

Sinhá Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo. Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiar a morte do grupo. (Vidas Secas).

Excerto 8:

— *E o Chulinho?* — *perguntou o menino, mas a única resposta foi mesmo o uivo do cachorro. (Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá).*

Apesar da semelhança entre os animais por serem cachorros e devido ao emprego de nomes e a sua quase personificação, eles se diferem pelos papéis que assumem dentro das histórias. *Baleia* – cadela da família de *Vidas Secas* – assume posição ativa, persistente e participativa dentro da história, visto que logo no Capítulo I, ela salva a família da morte pela fome através da caça dos preás. Enquanto que *Chulinho* – o cachorro da família dos Anjos – aparece em poucas cenas e nada faz. É possível notar essa diferença pelo modo como o tratam, pois o primeiro a ser deixado de fora da “jangada” foi o animal. Enquanto *Baleia* é indispensável, ela vai à frente em sua jornada, ela enxerga a comida e a caça, *Chulinho* é dispensável, deixado para trás, é um estorvo que não caberia na “jangada”.

Apesar de os papéis exercidos pelos animais de estimação serem diferentes, ambos têm a mesma função que é dar ênfase à história. *Baleia*, nome forte, altivo, desbravador, assume papel de herói, tem a dureza da seca, e consegue vencê-la a duras penas em sua jornada. *Chulinho* é diminuto, seu nome é uma designação carinhosa, fluida como a água, leve, escorregadio, é deixado para trás. A morte tem sua vez com o papagaio, que foi morto na areia seca e serviu de comida aos retirantes, o que indica e reforça a fome e a necessidade da família, a morte do animal significa a vida dos humanos.

Outra característica que observamos é quanto ao número de personagens e os fatos que os cercam e os tiram da cena narrada. Em ambos os textos, as personagens vão desaparecendo aos poucos. Para dar mais ênfase à situação trágica, poucos sobrevivem. Em *Vidas Secas*, já no primeiro capítulo, há a presença do seguinte trecho:

Excerto 9:

Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto.

O papagaio morreu e serviu de alimento para a família. No decorrer da obra, os personagens vão desaparecendo a fim de mostrar o sofrimento dos retirantes. Em *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* o primeiro personagem a desaparecer é também um animal, Chulinho. Logo em seguida, o garoto não resiste e morre; mais adiante, vemos a morte da velha Nhola e, por último, nem mesmo Quelemente consegue se salvar.

Quanto ao aspecto geográfico, a obra de Bernardo Élis refere-se a Goiás e Graciliano Ramos ao Nordeste. Ambos não retratam os grandes centros. Em Élis, os sentidos remetem a uma região afastada e não adequada à moradia, pois a cheia sempre vinha e durante 40 anos a velha Nhola escutou que tinham que se mudar. Em Graciliano Ramos, a seca é uma constante, vemos, como características principais, a pobreza, a fome e a seca do solo por onde passam, o que remete aos sentidos de um sertão sem expectativas.

Apesar de serem obras em que a tragédia marca as personagens em seu meio natural, percebemos as diferenças ambientais nos espaços em que as narrativas se passam. Nas duas obras, há a presença de regionalismos goianos e nordestinos. A paisagem de um lado nos mostra a vegetação composta por juazeiros típicos da caatinga, no solo seco e rachado que materializam na descrição traços do sertão nordestino. Com isso, fecha-se uma paisagem e abrem-se os sentidos que dela emanam.

Excerto 10:

*Mãe, o vau tá que tá **sumino** a gente. Este ano mesmo, se Deus **ajuda**, **nois** se muda.*

Em *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, a paisagem é oposta à da caatinga. O ambiente é arbóreo, há a presença de buritis que são plantas típicas do cerrado goiano. Além desse aspecto, por meio do discurso, podemos inferir que se trata de um regionalismo goiano pela supressão do **d** na palavra “sumindo”, supressão do **r** em “ajudar”, e “nós” que perdeu o acento agudo e sofreu uma ditongação com o acréscimo e sonorização do **i**, corroborando uma remissão ao dialeto caipira. O verbo “sumir” possibilita nova regência, variação comum encontrada no dialeto goiano, tornando-se factivo, no sentido de fazer desaparecer, configurando-se como verbo transitivo direto.

Contudo, as duas narrativas mantêm uma relação de semelhança na medida em que ambas retratam a miséria, a fome e as tragédias naturais. Na obra de Graciliano Ramos, os personagens se veem indefesos e encurralados diante da situação da fome e pobreza trazida pela seca, é a própria natureza contra si mesma, tentando aplacar a vida dos personagens. O mesmo acontece no trágico conto de Élis, em que as personagens ficam a mercê das águas, impotentes diante de uma catástrofe natural, de uma enchente que os acomete, a chuva se mantém constante e configura a cheia.

Como a construção de sentidos em ambas é definida por diversos aspectos além dos supracitados, temos também a presença de neologismos, variações regionais ou palavras que remetem à cultura dos dois espaços distintos. Em *Vidas Secas*: cambaio -

pernas fracas; aió - bolsa típica nordestina; rês - quadrúpede; vaquejada - esporte típico do nordeste; xiquexiques - plantas das regiões áridas; alpercatas - calçado/sapato; molambos - pedaço de pano velho; tapera - casa em ruína; mandacaru - planta típica do nordeste brasileiro; bolandeira - máquina de descaroçar algodão. Em *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*: Zoio de boi - olho de boi (círculos feitos no chão com o calcanhar para estiar); baixeiro: espécie de lã, integrante dos arreios; estupor - doente, imóvel; paludosos - pantanoso/brejo; maleita - antiga doença malária; perengado - adoentado; macilento - pálido, magro, cadavérico; aziago - azarento; Nossa Senhora da Abadia do Muquém - Santa protetora de Goiás. Muquém é um distrito do município de Niquelândia – GO.

Todos esses termos enfatizam a situação de seca ou cheia de cada história e são responsáveis, também, pela caracterização dos personagens, como as doenças que os afligem ou a decrepitude destes. Sempre que a caracterização do espaço se faz ausente, os termos estão dispostos de forma a possibilitar que alcancemos a informação. Quando conhecemos o espaço, mesmo que nos esqueçamos, os termos fazem com que retomemos às características.

Algumas críticas dão voz à produção de Bernardo Élis em outros sentidos. João Fernandes (2005) critica a obra de Élis quanto à disposição dos personagens. Segundo ele, o autor utiliza um humor não nas palavras, mas entre os discursos. Por meio dos termos utilizados, vemos uma situação lamentável, com um humor mórbido, fazendo-nos pensar que os fatos que não iriam se concretizar, acabam acontecendo. Assim, analisando o conto **Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá**, o autor observa que a ironia obedece a um *crescendum* que vai da aparente normalidade de a família dos Anjos habitarem a barranca do rio até o propósito anual de se fugirem às ameaças das águas.

A ironia não se encontra na palavra, mas no discurso, no volume que envolve o absurdo da morte, momento que assume as sutilezas do humor, sem incorporar sua bonomia, uma situação em que o risível é, ao mesmo tempo, grotesco e cruel. [...] instalar-se em sítios desguarnecidos, em um país continente, resulta de uma visão que parte do dominante para o dominado, da ignorância cultural impregnada no indivíduo, não porque ele o desejasse; antes, pelas circunstâncias sócio-econômico-culturais que perfazem o sistema em que está inserido. (FERNANDES, 2005, p. 3).

Em relação a *Vidas Secas*, Marcelo Fernandes (2009)⁵ critica não só os personagens, mas também nos diz a respeito da obra quanto a aspectos estéticos.

Quando perguntado o que seria a obra *Vidas Secas*, Graciliano Ramos respondeu que se tratava de “um livrinho sem paisagens, sem alegria, sem diálogo e sem amor”. Na verdade, estamos diante de um romance triste, cheio de tensões críticas entre o homem e o seu meio. Um meio

⁵ Disponível em: <<http://periodocompostoporsubordinacao.blogspot.com.br/2009/07/quando-perguntado-o-que-seria-obra.html>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

social, um meio de violência, de latifúndio, enfim, um meio natural, hostil e seco. Duas temáticas podem ser percebidas neste romance: as adversidades em relação ao meio e as adversidades em relação ao outro. Graciliano Ramos trabalha nas esferas do social e do universal, do particular e do coletivo. (FERNANDES, 2009).

Quanto à estrutura, o crítico diz que até mesmo a forma de disposição dos capítulos e personagens remete ao tema seca, por ser sem alegria, sem amor, sem sentimentos bons. Ele considera *Vidas Secas* uma obra atemporal, devido ao fato de que nela não há especificação de lugares, nem tempo pelos quais os retirantes fazem sua jornada.

Vidas secas – que é comparado às vezes a uma metáfora contra o Estado Novo – é composto de treze capítulos autônomos formam uma estrutura narrativa um tanto quanto “seca”. O primeiro capítulo, que é intitulado “Mudança”, mostra uma família de retirantes composta – a princípio – por seis membros [...]. Isto comprova que *Vidas secas* é uma obra atemporal, clássica, jamais envelhecerá. O romance apresenta uma estrutura narrativa que pode ser considerada aberta. (FERNANDES, 2009, p. 2).

Outra característica importante é a forma com que os animais são retratados, por vezes, têm atitudes humanas, enquanto os humanos tomam condições de animais em algumas passagens. Daí se dizer que os animais são humanizados, já que colocam a sua visão com relação a sua condição “humana”. Em contrapartida, os personagens são animalizados. Incapazes de articular seus pensamentos, os personagens podem ser facilmente comparados a um papagaio, que só reproduz (FERNANDES, 2009). Com essas considerações críticas, há semelhanças quanto à posição dos personagens em ambas as obras. O crítico faz menção à obra de Graciliano Ramos, mas podemos notar a mesma característica na obra de *Élis*. Pois, os humanos se assemelham a animais por suas ações impensadas e não calculadas e pelo modo como vivem.

Divergências e convergências entre a seca e a cheia

Michel Foucault (2003) descreveu a ordem do discurso como uma construção de características sociais. Com isso, é possível dizermos que em ambas as narrativas há um discurso de miséria, de fome, de exclusão, de marginalidade, de tristeza, de precariedade. Entretanto, ao mesmo tempo em que as narrativas se assemelham se distanciam, pois em uma o principal discurso é a seca e na outra a cheia.

É interessante observar o quanto suas histórias conseguem se aproximar por vários discursos e, ao mesmo tempo, o quanto conseguem se distanciar. Tanto em Graciliano Ramos quanto em *Élis*, há a exclusão do homem pela própria natureza, e sua fragilidade ante os cursos naturais da vida. Há também nos dois textos profundos traços regionais que envolvem todo o enredo, o que constitui certa interdiscursividade entre ambos. No entanto, em “*Vidas Secas*”, os personagens são silenciados pelo sofrimento, focalizados por vezes em afastamento, mal conseguem se comunicar. É, portanto, um lugar de desencontros. Isso faz com que os diálogos se tornem raros, sendo por vezes atravessados por xingamentos e lamentações. Acompanhamos, dessa forma, a sucessão

dos fatos através do narrador. Esses mesmos personagens foram deixados à mercê não por falta de esforços, mas pela desigualdade social que acomete grande parte do sertão nordestino, a seca seria, então, castigo e não consequência.

Em *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, os personagens são unidos pela miséria, conversam mais entre si e buscam cuidar uns dos outros, ao mesmo tempo em que se mostram preocupados realmente com a própria sobrevivência. Mas, neste caso, apesar da miséria, da fome, da insegurança da moradia, entre outras adversidades, o narrador sinaliza que a catástrofe que os acomete é consequência dos próprios indivíduos, pois há tempos diziam que iriam se mudar do local, mas, apesar da maleita que matou parte da família, das ervas daninhas que mataram o gado e da falta de estrutura pela qual vinham passando, ainda continuaram ali.

Portanto, podemos dizer que em ambas as narrativas há a presença dos discursos socioeconômico e regional, considerando os temas da seca e da cheia que se tornam frequentes, assim como a situação das famílias-personagens que se encontram em situação de mudança (libertação) diante de uma condição econômica que não lhes dá saída.

Em relação à linguagem, há um fato curioso tanto em *Vidas Secas*, quanto em *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, o narrador utiliza a língua em sua forma padrão, talvez, para dar ênfase às falas das personagens e suas variações diatópicas, que se apresentam na forma coloquial de regionalismos. Podemos observar isso, principalmente, na segunda narrativa na qual os personagens se comunicam por meio de um discurso direto.

Sim, o mato se aproximava, discerniam-se sobre o líquido grandes manchas, sonambulescamente pesadas, emergindo do insondável – deviam ser as copas das árvores. (O narrador - *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*).

– *Nóis precisa de mudá, praque senão a água leva nóis.* (Marido de Nhola - *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*).

Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. (O narrador - *Vidas Secas*).

– *Anda excomungado.* (Fabiano - *Vidas Secas*)

Na fala de Fabiano, em *Vidas Secas*, podemos notar um termo regionalista **excomungado** esse termo se aplica àquilo que é ruim (ex-comunhão, não abençoado). Tal expressão costuma ser utilizada por pessoas mais velhas, o que poderia reforçar o regionalismo presente e recorrente na história.

Podemos dizer que há uma interdiscursividade entre os dois textos literários analisados que engendra a posição das personagens, algumas ações de fuga, por exemplo e até mesmo a forma como se dão nas narrativas. A linguagem toma uma existência material, mas também ideológica, social e histórica que distingue e aproxima em ambas as obras o que é a seca e a cheia, a exterioridade nos fala e nos convoca a entendermos com reflexão com o discurso dá sentido aos sujeitos personagens e aos espaços em que se encontram, em contextos de fuga que dialogam entre si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado é resultado de estudos e análise de duas narrativas brasileiras: *Vidas Secas*, especificamente, o capítulo I, *Mudança*, de Graciliano Ramos (1998) e *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* de Bernardo Élis (1987). A pesquisa para a realização deste fez com que refletíssemos criticamente sobre as obras, visto que analisamos, por meio dos discursos e do estudo da semântica lexical, os efeitos de sentido em duas temáticas opostas, a seca e a cheia, que também se aproximam em suas nuances.

Compreender o efeito de significação de um texto vai além de uma leitura corriqueira, é preciso ler, reler e observar como podemos desenvolver o trabalho com a literatura em sala de aula. Isso nos possibilita levantar questões, como: que letramento fomentamos na escola quando trabalhamos com a linguagem e com a literatura. Ao lermos a situação de seca em *Vidas Secas*, lembramo-nos da cheia quando os personagens já não sabem o que fazer e procuram a mudança. Os discursos de pobreza e sofrimento se mantêm frequentes durante as narrativas, o que reforça a dificuldade dos personagens diante dos conflitos.

Tanto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* quanto *Vidas Secas* retratam o cotidiano de pessoas que vivem naquelas regiões, nas quais a busca por melhores condições de vida se torna incessante. A diferença é que Nhola somente sonhava, uma vez que sua família não tomava a decisão da mudança; enquanto que em *Vidas Secas*, o pai da família vive como retirante para sobreviver junto a aos seus familiares. Ao mesmo tempo em que buscam a libertação (mudança), veem-se presos à situação das causas naturais. Enquanto uns convivem com a cheia por falta de condições financeiras, outros convivem com o solo árido e com a fome por falta de condições de sobrevivência. Ambos retratam a necessidade de “mudança” em relação a esses lugares que merecem uma atenção e cuidado das autoridades, algo que deveria ser feito e não se fez. Podemos considerar as obras duas denúncias sociais.

Compreendemos, portanto, a partir da leitura desses textos literários, que os sentidos são historicamente produzidos. Essas obras fazem com que entendamos as duas regiões, mentalizando-as, dando-nos a conhecê-las em suas peculiaridades, bem como a conhecer os sujeitos que as povoam e que delas extraem sua voz, seus costumes, seus enunciados e significados. É por meio da materialidade linguística que entendemos o discurso literário como sendo um viés de produção histórica do sentido. Por meio da leitura dessas obras literárias, tentamos relacionar a linguagem com sua semântica e observar como e estas também traduzem, em seus discursos, cada um em seu tempo e em suas condições específicas de existência, sentidos de territorialidade.

REFERÊNCIAS

ÉLIS, Bernardo. Nholá dos Anjos e a cheia do Corumbá. In: _____. **Almas de Goiás:** obra reunida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

FERNANDES, João. Os melhores contos: Bernardo Élis. **O Popular**, Goiânia, p. 3, 08 Ago. 2005.

FERNANDES, Marcelo. Resenha crítica de Vidas Secas de Graciliano Ramos. **Virtual blogspot**, 2009. Disponível em:
<<http://periodocompostoorsubordinacao.blogspot.com.br/2009/07/quando-pergunatdo-o-que-seria-obra.html?m=1>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura F. de A. Sampaio. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LIMA, Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida. **(Re)significações da mulher política na mídia: memória, corpo, territorialidade**. 186 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, SP, 2011.

OLIVEIRA, Raquel Pires de. Semântica. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras (V. 2)**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIETROFORTE, Antônio Vicente Seraphim; LOPES, Ivã Carlos. A Semântica lexical. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística II: princípios de análise**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 74. ed. São Paulo: Record, 1998.

Artigo submetido em 13/09/2016 e publicado em 05/05/2017.